

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Arnold Baccan Filho

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Trajano Camargo

Limeira/SP

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Instituição: Etec Trajano Camargo

Levantamento de dados preliminares à entrevista:

A entrevistadora e o entrevistado trabalham há anos na mesma unidade escolar. Ele foi convidado para falar sobre os acontecimentos da década de 1990, porque viveu o período, que poderia ser rememorado com facilidade e com bastante precisão. Com o dia e o horário agendado, foi realizada a entrevista pela plataforma digital *Teams*.

Elaboração do roteiro da entrevista: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Local da entrevista: plataforma digital *Teams*

Data: 25 de novembro de 2021

Técnico de gravação: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Duração: 1 hora, um minuto e 32 segundos

Número de vídeos: 01

Transcritora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Número de páginas: 20

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada para a coleta de dados para o projeto sobre os fatos, a versão dos fatos de depoentes que vivenciaram a década de 1990, especialmente José Henrique Heydman Jr. e Arnold Baccan Filho. Essa década marcou a passagem das escolas técnicas e agrícolas da Secretaria da Educação para a Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, e, depois, para o Centro Paula Souza.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 18 de janeiro de 2022

Nome da transcritora: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Recebido para difusão em: 5 de agosto de 2024.

Vídeo 1: (uma hora, um minuto e 32 segundos)

Marlene Aparecida Guiseline Benedetti (MAGB): Hoje é dia 25 de novembro de 2021, uma quinta-feira ensolarada e quente. Nós vamos, em primeiro lugar, agradecer a Arnold Baccan Filho, professor da escola Trajano Camargo há um tempo razoável, 41 anos. Fez o ginásio no Trajano, o curso de Mecânica de Máquinas e Motores no COTIL, entre 1970 e 73, fez uma especialização em Desenho Técnico Mecânico no Senai, entre 74 e 75, e, para entrar na UNIMEP, no curso de Tecnólogo Desenhista Projetista, fez um cursinho no Anglo. Trabalhou também em indústria, mas desde o 2º semestre de 1980, ele leciona no Trajano, que àquela época tinha o nome de Centro Estadual Interescolar Trajano Camargo. Sempre, sempre contribuiu com as nossas pesquisas porque ele tem uma memória assim invejável, admirável e, com suas lembranças, sempre ajudou em todas as pesquisas que nós fizemos. Ele é um daqueles que viveram o tempo, porque eu disse que o projeto que eu quero fazer no ano, é aquele que – final dos anos 80, 90, 91, 92 que vai coincidir com a passagem da escola da Secretaria da Educação que agora eles chamam SEDUC para a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, que hoje em dia, está acrescida de Inovação, tá. O Baccan, majoritariamente, deu aulas de Desenho, foi coordenador de curso, ainda é coordenador do curso de Mecânica e nós vamos então ver aquilo que ele se lembra desse período, que, no fim a gente que está há tanto tempo na escola, a escola se confunde com a nossa vida pessoal. Não deixa de ser uma história de vida. Ok. Então Baccan, muito obrigada e vamos começar a apresentação e você sabe que é assim – cada um se lembra de determinados aspectos da história. O bom da história oral, é gostoso, eu gosto de fazer entrevista, é exatamente isso. Nesse período, você pode falar a respeito de cursos, aqueles que você lembrar, de diretor, de estudante, do prédio da escola, do jeito que você quiser, tá bom? Então, esteja à vontade, tá.

Arnold Baccan Filho (AB): Ok. Nesse início de atividade lá na escola, nesse 2o. semestre de 1980, a escola já tinha uns cursos, eu comecei à noite, porque durante o dia eu trabalhava na indústria, e o meu superior e um amigo lá de equipe, já lecionavam aí no Trajano. Como teve o afastamento de um professor, eles me convidaram para assumir a substituição desse professor, que não sabia se ele ia voltar ou não. E comecei para minha felicidade, com aula de Desenho. Ele dava aulas de Desenho e as aulas dele eu assumi.

MAGB: Era o Tonhasca?

AB: Não entendi.

MAGB: Era o Tonhasca?

AB: Não, não, seu Lourenço.

MAGB: Ah, sim. Tá. Ok.

AB: Pai do Schmidt. Ele se afastou em julho, nas férias para fazer tratamento, e não voltou mais. Aí, no dia 5 de agosto de 1980, eu comecei e dividir – você vê como é a história, eu gosto muito porque ela se repete -, não tinha espaço físico já naquela época e a gente dividia a sala. O Pedro Leite dava aula de Desenho e, na mesma sala de aula, não tinha laboratório, os dois professores na mesma sala com – se tinha 38-40 alunos. Então, enquanto um explicava competência/conhecimento, competência/habilidade, o outro ia passando de carteira em carteira para ajudar, ver se estavam certos os exercícios que estavam sendo propostos para aquela aula. E funcionava e funcionou e não tinha tanta evasão, porque a procura era muito grande, em função desse início estar muito aquecido. Teve crise? Teve, mas a gente os orientava a se prepararem para a retomada. Eles sempre acreditaram na orientação nossa. A gente estava dentro da indústria, via que a situação era passageira. E, com isso, foram se passando os anos. Eu fui fazendo parte da equipe com os professores efetivos, os mais antigos, na época. E aí surgiu um fato interessante: eu estando dentro da indústria eu não podia sair com mais de 30 dias de férias, celetista, 30 dias de férias era o máximo, e o Centro Paula Souza, em 1981, criou a primeira turma do Esquema 1. Então eu fui fazer a primeira turma do Esquema 1. Só que era o mês inteiro, então,

eu tirei um mês de férias, ao invés de eu descansar, eu fui fazer a licenciatura lá que era o Esquema 1.

MAGB: Ô Baccan, aí é interessante você falar – em outros momentos já falei sobre o esquema 1, dá uma explicaçãozinha rápida do que vem a ser Esquema 1.

AB: Esquema 1 – como a gente era da indústria e sempre estava na área com graduação, como fazer aprender, a maneira adequada de se posicionar perante os alunos. Porque a gente tinha competência, conhecimento e habilidade Mecânica, e agora a didática? Aí o Centro percebeu que – eles tinham, na época, 14 escolas só que preparavam os professores no ensino técnico, mesmo não sendo da área da Educação e eles fizeram essa primeira turma aí e foi um sucesso, tanto que os professores que deram aula para nós, na época, estão lá no Centro até hoje, muitos, só que eles migraram para as Fatecs [Faculdades de Tecnologia do Centro Paula Souza] e aí ajudou muito a gente aprender a dar aula. Filosofia, tivemos estrutura e funcionamento, uniu o útil ao agradável. Tudo o que a gente já sabia de competência da indústria e da graduação, a formação do Esquema complementou. E tinha os professores os mais antigos, eles fizeram outros tipos de pedagogia. Mas, muito tempo não tinha essas atualizações profissionais. Eu tive a oportunidade de fazer a primeira do Centro.

MAGB: Esse aí, que ano foi? Confirmando?

AB: 1981.

MAGB: Ok.

AB: Quando começou, aí surgiu a diferença, e nós percebemos a diferença gritante do que era a Educação com as escolas que eram do Centro Paula Souza, porque a Secretaria da Educação foi convidada para participar porque os professores também das 14 escolas que já eram do Centro Paula Souza não tinham licenciatura. Então, juntou a Educação com os professores que já eram das 14 escolas do Centro para poder fazer esse nivelamento tanto na Educação como no Centro. E aí a gente começou a conversar com os professores lá do Centro – Que equipamentos vocês têm para dar aula? Nossa! Nessa época, já tinham recebido uma série de equipamento que veio de Israel, que ficou famoso porque teve desvio – é história, está aí, é só pegar lá,

buscar lá, na época. E eles receberam esses equipamentos, coisas que a gente jamais podia imaginar que uma escola da Educação, da Secretaria da Educação tivesse acesso. E, um fato interessante, ficamos todos motivados. Em 82, eu, o Paulo e o Zé, os três, eu e o Paulo somos da primeira turma, o Paulo Silveira, aí o Zé é da segunda turma. Então da primeira turma, eu cheguei para o Paulo e falei: – Paulo vamos levar essa ideia aí lá na escola para os professores efetivos, porque eles estão à nossa frente em termos de equipamento e agora estão fazendo pedagogia, todo mundo junto. Eles não compraram a ideia não, muito pelo contrário. Nós falamos está acontecendo isso no Centro Paula Souza das 14 escolas que pertencem ao Centro, que já era vinculado à UNESP [Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho], na época já era vinculado à UNESP. Nossa! Aí isso era uma coisa para nós jovens querendo fazer as coisas acontecerem. Aí, o Odecio, Odecio Lucke foi para S. Paulo, falou que - “Não, onde já se viu, a tradição do Trajano, não tinha nada que passar para o Centro Paula Souza.” E aí ficamos sem voz ativa em função deles terem mais idade, mais tempo de casa e a gente estava chegando, tinha um ano de casa e eles, quantos anos tinham lá. Então, não foi prá frente e os cursos foram indo de acordo com essa nossa formação. Depois, foi abrindo Esquema todo ano. A partir de 81, todo ano, teve Esquema para aumentar o número de professores capacitados, com competência para também estar proporcionando uma melhor aula. Isso foi passando, alguns cursos terminaram e daí tem um fato – que eu me afastei por um período da escola. Eu tirei um afastamento e, na época de Desenho, projetos e ferramentas, dispositivos, DFD, Desenho de Ferramentas e Dispositivos. Eu me afastei, tirei umas licenças lá e aí o Paulo que era coordenador falou: “Você tem que voltar.” Porque eu queria afastamento sem vencimento, dois anos. Ele falou: “não, você precisa voltar” e eu fui postergando. Por que, o que aconteceu? Os professores que pegaram suas aulas não estão, eles não tinham vínculo com a indústria, não estão passando as competências de conhecimentos e de habilidades do jeito que você passava: - “E eu estou precisando que você volte, urgente.” E não voltei. Fiquei esse período aí. E o que aconteceu? Quem ficou foi buscando os interesses de outros cursos. Nós tínhamos o Desenho de Ferramentas e Dispositivos, Eletromecânica, que é um curso que agora a gente está querendo retornar, para 2023 ou 2022, Eletromecânica, e esse curso, tinha DFD, Eletromecânica e Metalurgia. E o que aconteceu com a Metalurgia? A equipe ficou, já estava formada, eles tinham um grupo também competente, a Eletromecânica tinha o Bazana que era o coordenador, também competente, o Paulo na área de Mecânica, mas ele não era da área de ferramentas e dispositivos. Quando eu retornei (pausa), o Paulo falou: – “Você precisa voltar porque mudou tudo, tá mudando para melhor.” Eu

falei em que sentido? “Tem perspectiva de melhoria de equipamento, melhoria de salário”. Então, eu voltei. Nisso, a Márcia, aí entra a Márcia. Seu Arnaldo tinha feito Pedagogia em Ouro Fino, seu Arnaldo queria sair e nomeou a Márcia no lugar. Tinha todas as atribuições para ser diretora e passou a direção da escola para a Márcia. E aí eu cheguei. O Paulo estava querendo sair porque ele tinha perspectiva de emprego lá no COTIL. Então, o Paulo saiu e foi para o COTIL e eu cheguei no lugar dele. Então, a Márcia me convidou para ficar no lugar do Paulo e começamos a conversar. Mas, eu cheguei antes do Paulo sair e falei: Paulo, mas você me falou que tinham as melhoras, e agora está indo embora. Mas antes de ir embora temos que melhorar aqui. “- O que você está falando? Você lembra que na situação anterior quisemos passar para o Centro Paula Souza e os efetivos não quiseram? Agora chegou a nossa hora. Eles não estão mais aqui, se tiver um ou dois em final de carreira, agora chegou nossa hora de fazer alguma coisa para passar para o Centro. Vamos propor aí para passar para o Centro. Então eu conversei com ele e ele falou: “- Puxa, eu não tinha pensado nisso. Vamos levar isso aí ao conhecimento da Marcia.” Explicamos para a Marcia tudo o que tinha acontecido anteriormente. Ela comprou a ideia. Ela falou: - “Nossa! Eu não sabia dessa história. Eu vou conversar com os diretores.” E começou, sabe, ela comprou e levou prá frente. Tudo o que a gente precisava dela, ela falou: - “Não. Pode marcar a reunião na escola, explicar para os coordenadores.” Nós convidamos todos os coordenadores da região. E a primeira foi aí, no auditório da escola Trajano Camargo e colocamos para eles a ideia, aconteceu isso, porque eles não sabiam dessa passagem: - “Ah! Vamos fazer.” As 14 ficaram mais conhecidas no estado de S. Paulo inteiro, em função da disparidade, porque já tinham todos os recursos e nós engatinhando ainda.

MAGB: E, diga-se de passagem, não queriam, de jeito nenhum (risos), que entrassem mais escolas, hein!

AB: Não.

MAGB: Essas 14 ficaram assim...

AB: Foram pegos de surpresa. Como aconteceu essa passagem? A Marcia tinha um diretor, um dentre os diretores, que tinha um contato mais próximo dela e num aniversário da DETE, que era o Departamento do Ensino Técnico lá em S. Paulo, a Márcia falou: “-Tem a oportunidade aí e você deu a ideia, vai lá me representar nesse

aniversário e os diretores vão estar todos lá, inclusive o diretor que eu tenho mais proximidade e ele vai estar te aguardando lá.” Eu fui. Chegando lá eu fui conversar com esse diretor Adonai, expliquei para ele tudo, porque a gente não tinha – se você falar por telefone é diferente pessoalmente. Conteí toda a história para ele, ele comprou, só veio reforçar o que ele já sabia que a Marcia estava passando. Ele, era diretor em Ribeirão Preto, Batatais, Ribeirão, os diretores eram unidos. O que esse Adonai fez? Fez o levantamento de todas as escolas da Educação, inclusive as agrícolas, pegou uns livros, colocou debaixo do braço e veio para S. Paulo. Ele sabia que ia ter um evento no gabinete do governador, e veio pronto com os livros e todos os recursos que tinha conseguido captar. E chegou lá no gabinete, falou “- Eu sou vereador em Ribeirão Preto e preciso falar com o governador.” Foi meio que entrando e a hora que assustou estava dentro do gabinete do Fleury, que era governador da época. Explicou para ele: - olha, a situação das escolas técnicas é essa, não tem recurso comparando com as 14 de outra entidade. As escolas agrícolas, o pessoal está fazendo churrasco, com o que era material de pesquisa. Não tinha verba para tocar as escolas agrícolas e eles estavam comendo o que tinha disponível. E o Fleury escutou a história e ele falou; - Qual é a solução? Já ouvi tudo, mas eu quero uma solução.” Passar para o Centro Paula Souza. Ele pegou a caneta, deu uma canetada, nem o Centro estava sabendo. De um mês para outro das 14 escolas pulou para 88 escolas. O Fleury, sem o Centro saber, sem consultar o Centro, sem nada. Nós levamos a proposta, já tinha combinado com o Adonai: – falei, olha, se ele perguntar qual é a solução, é fazer parte das 14.“- Mas existe isso?” Já tem as 14 e eles estão na frente das nossas escolas. Ele aceitou e passou a caneta. Então, foi assim.

MAGB: Então, ô Baccan, essa história da DISAETE é história boa. A Maria Lúcia inclusive fez entrevistas, onde tem essa história da DISAETE. E aí, a partir daí, saindo da Secretaria da Educação, passando essa DISAETE, é que vamos ter a passagem primeiro para a Secretaria da Ciência, só depois passar para o Centro Paula Souza. Entendeu? É o caminho.

AB: Os primeiros pagamentos era ETESG. Nós recebemos alguns meses ainda pela Secretaria, depois, eu até mencionei, em julho de 94, tudo aconteceu tudo em 94, até junho nós recebemos pela Secretaria ainda era ETESG Trajano Camargo, Escola Técnica Estadual de Segundo Grau.

MAGB: Hum-hum.

AB: Aí, em junho de 94, passou a ser ETE Trajano Camargo, Escola Técnica Estadual Trajano Camargo e receber pela ETE, o órgão que aparecia nos holerites era ETE e não mais ETESG. E tem a particularidade de mudança também da moeda, elimina os três zeros. Tinha os três zeros até fevereiro. Em março, teve a mudança do plano, aí cortou os três zeros. Só para você ter uma ideia, histórico, também o último holerite com um monte de zero, recebi 393 mil e, no primeiro holerite já, a partir de março de 94, que cortou os três zeros, eu recebi 578, aí acho que já era reais. Então, praticamente, dobrou o salário e aí todo mundo queria vir dar aula no Trajano, em função disso. Quem estava na Educação se ganhava 1, igual a nós e, no outro mês, passa a ganhar 3, a procura para ser professor no Trajano foi muito grande. Todo mundo queria vir dar aula aqui.

MAGB: Ô Baccan, aí tem uma coisa, nunca sei se é cruzeiro novo, cruzado novo, mudou tanta coisa que eu precisaria ver. É o plano real lá do Fernando Henrique do tempo do nosso amigo lá que sucedeu o Collor [Itamar Franco]. Então, deixa eu falar um negócio para você, quando chegou isso aí. Eu sei por que eu fiz também. Quando chegou em dezembro de 94, vamos ter aquele grande concurso que a Paula Souza vai fazer para o estado inteiro. Você se lembra se foram todas as disciplinas, as técnicas, as da base comum. Como é que você lembra desse período?

AB: Foram. Teve prá todos os cursos e pra todos os componentes curriculares. Teve tanto, não era base nacional comum, vamos falar base hoje só para saber, base nacional comum de todos os cursos e de todos os componentes curriculares. Aí você se inscrevia naquele componente que você já lecionava, primeiro teve o concurso de múltipla escolha. Aqueles professores que conseguiram passar no concurso - a atribuição, em 95, já foi feita em cima do concurso. Só que ficaram ainda componentes curriculares sem professores. Aí teve uma banca, uma banca de validação de concurso público que foi em Campinas, lá no Bento Quirino, no Bento não, aquela que é ali na estrada perto do campo dos Amarais, a escola de química mais antiga [ETECAP – Etec Conselheiro Antônio Prado]. Foi ali o concurso. A gente ia de manhã, ficava lá, esperando a vez, tinha hora marcada para cada um fazer apresentação na banca. Essa banca validou os professores que não tinham conseguido passar no concurso de dezembro de 94.

MAGB: Ah! Então espera um pouco. Então é assim que eu só fiz o concurso, o meu seria a base nacional comum, não chamava assim.

AB: Isso.

MAGB: Aqueles da técnica, ainda que não tenham conseguido entrar, eu acho que é a base técnica, não é isso? A profissional? Aí para esses é feito um outro exame, porque faltavam professores.

AB: E foi. A da base nacional comum, você lembra como foi. Da formação profissional foi muito específico. Foi no chute. Muitos entraram pelo chute e alguns que tinham mais tempo de casa, que conheciam mais detalhes, eles se apegaram a detalhes mínimos, perguntas mínimas. E aí, se você não tivesse vivenciado aquela situação, não sabia responder. Porque se não soubesse, chutava. Muita gente entrou no chute. Foi diferente do concurso presencial que você tinha que passar na banca de validação. Aí você teve que fazer uma aula de 20 minutos, se inscrevia no componente que você queria, naquele componente existia uma banca e a banca que aprovava a sua aula, ou não. Então, foi assim. No começo de 95, teve esse outro concurso público, mas não múltipla escolha, aula presencial, duração de 20 minutos.

MAGB: Ô Baccan é isso que permanece até hoje, né. É isso?

AB: É.

MAGB: Então, uma série de coisas para comentar, mas vamos focar nos anos 93-94. A Márcia já tinha morrido, em 93. A gente sabe que foi um baque, ela era muito querida, ela topou fazer muita mudança na escola. Aí temos o tempo da Clara, o tempo do Sacilotto, o Zé Vitório, daí vem a D. Neusa, aí é o tempo da D. Neusa. Como estava a escola, o prédio da escola, vamos focar nesse ano de 94. Os quadros da escola mudaram, certo? Do que era Secretaria da Educação, teve gente que não foi aprovada no concurso. Você vai ter uma renovação dos quadros. Vamos dizer esse da Paula Souza e nós somos os remanescentes, os dinossauros, uns dinossauros na escola. Aí você faz aquela pergunta: até quando? Só por Deus. Deixa quieto. Passando prá frente (riso). E o prédio, como estava o prédio, o que você lembra de algum curso, eu gosto muito dessa questão assim como a escola passa a ser vista na comunidade, isso é algo assim muito importante, eu acho, né.

AB: Sim. Infelizmente, a Marcia fez o que podia e o que não podia. A primeira assembleia para passar para o Centro Paula Souza, como eu tinha comentado que foi

feita aqui na escola, ela acreditava tanto nessa possibilidade, que nós fomos fazer uma assembleia maior lá em São Manoel, uma escola agrícola. O pessoal que estava junto com a gente falou: - “Não, vamos fazer aqui em S. Manoel. Vocês pensam que o Adonai falou coisas que não estão acontecendo para o governador? Venham aqui, vamos fazer uma assembleia aqui.” Aí convidamos o estado de S. Paulo inteiro, quem quisesse ir para pegar mais ideias das pessoas, levar a proposta e esse pessoal lá que estava em número maior comprou também a ideia. Aí que surgiu a APETESP – Associação dos Professores do Ensino Técnico do Estado de S. Paulo. Esse nome nasceu lá em S. Manoel e ainda não estava passado para o CPS. E a Márcia lutando. Foi quando ela conversou com o Adonai, antes de eu ir para S. Paulo lá. Ela falou: “Você vai”. E ela faleceu depois desse aniversário lá da DETE, eu chamo de DETE, que é o Departamento do Ensino Técnico. Mas, eles tinham também toda a esperança que ia dar certo. E foi feito um terceiro encontro lá no Luther King, em São Paulo, porque o pessoal de São Paulo não tinha vindo para S. Manoel. Não veio? Então, vamos fazer uma em S. Paulo para explicar a nossa proposta.

MAGB: Ô Baccan, eu acho que estou meio perdida no tempo. Essa APETESP é nos anos 92, 93? É isso?

AB: 93 porquê...

MAGB: Então, antes de passar para a Paula Souza, não?

AB: Antes de passar. Por que surgiu essa associação? Para a gente se unir para fazer essa proposta porque todos os professores do estado de S. Paulo estavam sabendo que uma hora ou outra a gente ia bater na porta do governador e levar a proposta para passar para o Centro Paula Souza.

MAGB: Então, agora vamos ver o seguinte: acho que tem mais história para contar. Eu teria umas perguntas a fazer para você. O que você acha dessa passagem, o que houve de mudança? Aconteceu muita coisa nesse período, inclusive toda essa ação de vocês, a não aceitação dos mais antigos, porque você sabe que sempre mudança traz medo e traz insegurança, e se não são os mais jovens a levar adiante, fica difícil. Então, vamos assim pegando esse ponto: – o que é que mudou em termos de que o Trajano foi visto, o que mudou na escola a partir de 94-95, que é Centro Paula Souza.

Eu entrei na escola em 95, Centro Paula Souza. Que mudanças você percebeu que vão acontecer?

AB: A principal era em termos de manutenção. O governo não tinha verba, se tinha, não investia, a escola estava abandonada em termos de manutenção e em termos de atualização de equipamento também. Por isso é que a gente queria passar para o Centro. Você ia, conversava com os professores das 14, os caras tudo com a escola pintadinha, tudo móvel novo, tudo equipamento novo e a gente dando aula de giz, com carteira quebrada, com mesa do professor apoiada num toco. Então, a gente não queria isso, queria ir para melhor. E aí teve também um fato histórico. Em 94, quando passou para o Centro Paula Souza, teve um programa de fazer manutenção nas escolas e aí a Folha de S. Paulo descobriu quem eram as figurinhas carimbadas já do governo que iam fazer as reformas sem abrir o envelope. Lembra essa história aí?

MAGB: Eu não lembro não, hein.

AB: Pode pesquisar aí que você vai achar. Teve uma licitação para reformar as escolas, inclusive o Trajano. Antes de abrir o envelope, a Folha já publicou quem ia fazer a reforma na escola tal. Entendeu?

MAGB: Q que o jornal disse correspondeu à realidade?

AB: A realidade. Suspenderam a reforma.

MAGB: Hã.

AB: Aí passou uns dois anos, acho que em 96, acho que você já estava na escola quando teve aquela reforma que foi o Quércia que fez [Orestes Quércia, governador]. Reformou a escola inteira, fez toda a infraestrutura que precisava ser feita. Você sabe por que é da escola, na sala 10 e 11 você dava aula, à noite, e parecia que estava num motel, olhava as estrelas, não tinha telhado. Entendeu? Olha a situação. Chovia, não podia dar aula porque chovia dentro da sala. Falta de manutenção. Aí eles vieram, arrumaram tudo, trocou o telhado, trocou o piso, trocou enfim, fizeram o que foi necessário, na época. Salão? Chovia dentro do salão, do auditório nosso.

MAGB: Olha aconteceu isso, mas nós estamos nessa fase, outra vez.

AB: Então, por quê? Isso em 96.

MAGB: É descaso, é falta de investimento.

AB: Descaso, patrimônio, é escola.

MAGB: É uma questão de cultura dos alunos, tudo você tem que ensinar, Escuta, nós iríamos longe, longe com essa conversa, mas veja bem, a gente sabe que você participa de uma série de comissões na escola, você é ativo nessa parte de inovação, de contato com empresa e acho que a gente está passando por um tempo de bastante mudança e bastante preocupação. Evasão escolar sempre aconteceu em escola técnica e na escola pública, de modo geral. Eu falo de pública porque não dou aula em particular. Então, em escola pública nós sempre tivemos evasão, muita evasão. Tem cursos que estão muito antigos na escola e a gente se pergunta se não há necessidade de dar uma arejada, de criar outros cursos, sabe, mais antenados, mais ligados a mercado. Uma outra coisa que também acho importante, antes tinha isso, o professor tem empresa, o professor trabalha em indústria, ele traz esses conhecimentos, essa experiência para dentro da sala de aula. Eu continuo achando que isso é importante. E uma outra coisa, destacando a importância do Desenho, quando começou o AutoCAD na escola, porque sempre nós tivemos Desenho. O Desenho está na base de Corte e Confecções, lá da escola profissional, você tinha Desenho na Marcenaria, você tinha Desenho na Mecânica, você tinha Desenho em todos os lugares, e que hoje em dia você tem a diferença usando a máquina, mas você tem que ter uma base para o Desenho. Então, vamos lá, o que você teria que dizer dessas coisas, evasão, de novos cursos. O prédio, nós estamos vendo que a Adriana [Adriana Justina Rizzo, diretora] está tentando aí, né, várias coisas – mudança de CPD porque a escola está precisando de um *up*, tranquilamente, não é isso? Então, vai, vamos lá.

AB: É. Você sabe da história da quadra. Não precisa ir longe. A escola tem quadra hoje porque não foi o estado que fez, foi o prof. Júlio [Júlio Américo Barbugli Abbade, professor de educação física] que levantou verba para fazer a quadra.

MAGB: E para cobrir a quadra é uma burocracia, uma coisa de louco. Não vai. Agora telhado. Eu fiquei sabendo que telhado e tirando árvore, não-sei-o-quê, é cerca de 35 mil reais. Quem tem?

AB: Mas é assim (pausa). O fato de ter evasão é histórico, acompanha a história, a economia. Quando você vê que a economia gera emprego, diminui a evasão, quando tá nessa situação...

MAGB: Como [inaudível]. Hã. Então, vai.

AB: Nesses 41 anos que estou lá, eu vinculo a economia com a evasão. Situações que a empresa – na década de 70, era uma realidade, o que você o formava [o mercado] absorvia. Não teve crise significativa. E aí, o que aconteceu, na década de 80? Crise. Atravessava a crise, tinha o vestibulinho, a demanda diminuía. Atravessava a crise, a perspectiva econômica melhorava, a geração de emprego, a demanda aumentava e os concluintes também aumentavam. A multinacional, principalmente, ela quer o técnico, não adianta você falar eu fiz o 1o., o 2o. e o 3o. ano, módulo, que é o da noite. Ela quer você formado técnico: - “Você tem diploma?” – “Tenho.” Então é o que vale. E o que aconteceu na pandemia? Trazendo para os dias de agora, você vê que a maneira de ensino mudou, quando era presencial mesmo nas crises, a evasão não era tão grande porque você estava lá todo dia. Se o aluno tinha dúvida, você dava uma tarefa para ele fazer, um exercício para ele fazer, ele te procurava, falava eu “- não entendi isso aqui.” No remoto, ele faz também, mas só que fica uma situação às frias: eu aqui em casa, ele lá em Cordeirópolis, outro em Artur Nogueira, o outro em Itacemópolis, o outro aqui em Limeira, entende? Fica uma situação assim atípica e outra também que puxou muito a evasão, nessa situação atual. Nós tínhamos, à noite, muitos alunos fazendo ensino médio, e ensino técnico à noite, em 2019, tá. No início de 2020, ele veio para a escola no vestibulinho normal sabendo que ele estava no 2o. do ensino médio, ou no 3o. Aí veio a pandemia, o que aconteceu? Ele abandonou o técnico, conseguiu um emprego para ajudar a família, transferiu do dia para a noite no ensino médio e foi trabalhar e, às vezes, largou a escola, o técnico e, às vezes, conseguiu o emprego por falar que está estudando no Trajano Camargo. Olha que situação!

MAGB: Eu não tinha formulado esse pensamento. É interessante.

AB: Você entendeu?

MAGB: Entendi. Ô Baccan, você não acha que a escola poderia ter uns novos cursos?

AB: Aí que eu falo. O curso novo, você sabe, você está acompanhando um pouco da indústria 4.0, precisa de novos cursos? Precisa. O que precisa, por exemplo Mecânica, hoje precisa atualização, agora que vai chegar a impressora 3D. Então hoje, a Mecânica é impressora 3D, mínimo que você tem que ter Corte Laser que vai vir também para o espaço *maker*. Quem vai saber mexer com essas máquinas? É o professor da base nacional comum? Não é, somos nós. Ou a gente vai ter que dar curso para eles como que funciona a matemática lá da impressora. Porque tudo é matemática, física e mecânica. Você pode ver isso. O que a gente precisa nos cursos atuais é acompanhar o que está acontecendo no mundo e paramos. Vai vir equipamento? Vai. Hoje se eu tenho condições de dar uma aula mais próxima da indústria, os mesmos *softwares* que a indústria tem hoje, eu tenho nas minhas aulas porque a Fundação Prada é que doou aqueles computadores que eu uso. Os softwares que estão instalados lá só foram possíveis por causa da doação da Fundação Prada. Se não, não teria condições de rodar as versões 2021 e 2022 nos outros computadores que tem lá.

MAGB: Ô Baccan, novos tempos, novas tecnologias, novas demandas, por isso que a gente diz assim: aprender sempre, professor aprender sempre, passar sempre para os alunos. E você acha que nós demos conta do recado? Falando prá frente, mas não acabamos com o assunto. Mas vamos conseguir. Vai por mim.

AB: Estamos atravessando uma época diferente. Nós aprendemos. Eu aprendi muito nesses dois anos. Nossa! O que eu aprendi foi muito válido e era sonho. Eu queria ter um *Teams* para dar aula presencial. Lá no laboratório tenho tevê 52 polegadas, que agora vai vir a de 65", de *led*. Eu vou solicitar uma, porque a minha de 52" já está cansada. Os alunos, eles fazem aula prática síncrona, eu os ensino a fazerem na tevê de 52", eles têm que ver na tevê e fazer no computador. Qual que era meu sonho, sem saber da pandemia, sem nada. Era ter um programa que a hora que estou falando lá na minha aula prática, ele não precisava desviar a atenção para olhar no monitor de 52", na tevê 52", ele estava olhando o que estou fazendo no computador dele, que é o *Teams*. Você entendeu? (risos)

MAGB: Você está vendo? Nem tudo está perdido e nem tudo...

AB: É a ferramenta que estava faltando para a gente fazer o melhor para o aluno.

MAGB: E, o ano que vem, vamos ver o que vai acontecer.

AB: Não, vai continuar.

MAGB: É. O que você teria mais alguma coisa para a gente encerrar a entrevista que vai fazer uma hora que estamos falando.

AB: Deixa falar um pensamento, concluir minha ideia. Funciona muito o remoto, é excelente o remoto. Por que não funcionou nessa pandemia? Conta quantos alunos têm computador em casa, como o aluno vai fazer uma aula prática no celular, e o celular não aceita o programa? Olha o pecado aí. Se todos os alunos tivessem computador em casa, o ensino remoto, nós poderíamos fazer – é a proposta do Centro, né, 20% remoto e o restante presencial. Tem curso já M-Tec nessa modalidade de 20% remoto. Poderia ser até mais. Por quê? Daí, dois dias por semana ia presencial e você tirava todas as dúvidas dele presencial. Mas a realidade nossa é outra. E vai funcionar isso quando tiverem acesso. Você vê aluno à noite que é a nossa realidade maior é à noite, aluno vai na escola assistir aula presencial quando estava híbrido, e você convidava, ele ia na escola porque ele ficava motivado, e até hoje está motivado, porque não tem computador. A hora que ele se senta no computador de última geração, teoricamente está ainda aceitando o que a gente está propondo - mas existe coisa melhor, ele senta na frente do computador e consegue fazer e aí vai lá na merenda que tem suco, bolachinha, merenda seca, ele vem e pode pegar mais de um, porque não está tendo controle, a felicidade dele de poder comer, beber e usar o computador da escola. Olha, olha o que se resume a educação. Não é muito pouco? Jogar tudo nas nossas costas, para a gente despertar neles, vislumbrar, fazer ele sonhar que pode ir muito mais longe do que isso, do que vir para a escola para comer, beber e aprender. A gente tem que mostrar o caminho e ele se esforçar o máximo para chegar.

MAGB: É Baccan, você fala da área técnica, mas eu sendo da aula de História, eu tenho ganho com o computador de colocar material, de colocar vídeo, de colocar mapas etc., e tal. Mas para mim é essencial estar com o aluno ali, que vou norteando daqui explicação de lá, um fala uma coisa, entendeu? Então, eu só tenho ganho no remoto em termos de material, mais nada. Mas agora fica aquela questão. Tem hora que uso síncrona, mas não dá certo. Então, o ano que vem vai ser outra coisa. Baccan, o que você achou da entrevista?

AB: Só respondendo um questionamento anterior que você fez. Quanto às instalações, a escola você vê desde que fui aluno, porque sempre estudei no Trajano, o COTIL nasceu lá dentro do Trajano, o que mudou muito que a gente percebe, principalmente na formação profissional, que os professores da formação profissional antes eles tinham os laboratórios fixos deles. Então, onde é a sala do seu Guido? Porque a gente falou do seu Guido Tonhasca. Era lá fora, perto da Metrologia. Do lado da metrologia tinha a sala do seu Lourenço. O laboratório era fixo. Se você vê a decoração de desenhos em cartolina que tínhamos para ilustrar as nossas aulas, era fantástico. E por que era possível isso? Porque ficava tudo exposto, tudo num lugar só. Cada professor tinha a sua sala e seus armários para guardar todo o seu material. Às vezes, você está dando uma aula prática e quer mostrar, enriquecer o seu conteúdo ali para o aluno, você tem que parar a aula e buscar lá no seu armário, buscar lá no outro laboratório. Por quê? Não existe mais esse espaço físico que era de cada professor. Aí do lado do CPD 4 que você conhece, e só para ter uma ideia, onde é Nutrição, era a sala da D. Neusa, quando a D. Neusa dava aula, era o laboratório da D. Neusa. Você podia procurar ela que ela estava lá, dando aula lá que era Economia Doméstica, ensinava tudo, as habilidades, competências e conhecimentos para o pessoal da época.

MAGB: Ou seja, Mudanças no ensino é redistribuição do espaço físico e a gente tem perdas. Eu falo que a vida inteira eu adoraria ter tido uma sala ambiente nem que fosse pequeninha.

AB: Aí, tá vendo?

MAGB: É, eu sei disso. Baccan, você tem mais alguma coisa ou podemos encerrar. Se tiver mais alguma coisa, podemos fazer uma outra entrevista.

AB: Não. Eu agradeço essa oportunidade de a gente conversar, trocar um pouco dessa experiência, de expor. É uma vivência muito rica, sabe? Por que Trajano? Você sabe que vestibulinho sempre existiu, né. Você sabia ou não?

MAGB: Sei, sei.

AB: Tá. Quando eu entrei no Trajano eu tive que fazer Castello Branco, Bandeirantes que era vizinho nosso lá, perto da Sta. Terezinha, e Trajano. A vontade de entrar no

Trajano era tanta, que eu não passei no Castello e não passei no Bandeirantes, e entrei no Trajano que era o que sempre almejei. E depois, uma outra história, eu conto como a gente chegou lá, porque eu escolhi o Trajano, se não, a gente vai ficar aqui até e a gente mistura um pouco os assuntos.

MAGB: É não, mas é interessante.

AB: É uma outra história bem legal.

MAGB: Entrevista é conhecimento. A história não se repete, ela dá exemplos, ela dá caminhos, ela dá análises para a gente. Eu também tenho muita identificação com o Trajano. É porque meus irmãos estudaram lá e há tanto tempo que estou lá, sempre moramos aqui perto da chacinha, né. Toda essa coisa de identidade de uma longa data. Baccan, amanhã, a gente se vê, muitíssimo obrigada. Nós vamos encerrar. Vou botar para gravar (salvar) e a hora que eu estiver assim respirando, aí eu faço a transcrição. Brigadão, então, hein. Tchau. Até.

AB: Espero ter contribuído. Obrigado.

MAGB: Sim, senhor, claro que sim. Então, tchau, estou saindo.

AB: Tchau, tchau.

MAGB: Tchau.

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Escola Técnica Estadual Trajano Camargo

Centro de Memória

Arnod Baccan Filho

Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Técnico em Mecânica

Curso de Desenhista de Ferramentas e Dispositivos

DISAETE

DETE

Departamento do Ensino Profissional

Centro Paula Souza

Esquema 1

Pandemia e evasão

Dados Biográficos do Entrevistado



Arnod Baccan Filho

Fotografia: Marlene Benedetti, 2021

Arnod Baccan Filho nasceu em Limeira/SP em 19 de dezembro de 1955. Fez a formação de Educação básica da 1ª a 4ª séries no Grupo Coronel Flaminio Ferreira de Camargo, de 1961 a 1965; o curso ginásial no Ginásio Industrial Estadual Trajano Camargo, de 1966 a 1970. Fez o curso de Máquinas e Motores no Colégio Técnico da Universidade de Campinas, de 1971 a 1974 e estágio na Rockwell Fumagalli de Limeira. Na Universidade Metodista de Piracicaba fez o curso de Tecnólogo Desenhista Projetista, de 1978 a 1980. Trabalhou como auxiliar de desenhista, desenhista detalhista, desenhista mecânico e desenhista de estampa na Rockwell International, Divisão Fumagalli, de 1973 a 1991. Foi empresário na área de resíduos industriais na ECOTRAN, em Limeira, de 1991 a 1993. Fez o esquema 1 na Faculdade de Tecnologia do Centro Paula e obteve a Licenciatura em Mecânica. Começou a lecionar desenho técnico mecânico na Escola Trajano Camargo, em 1980 e permanece como professor até hoje. Foi coordenador do curso pré-profissionalizante e coordenador da área de mecânica. Participa de comissões na instituição escolar. Publicou material na área de desenho. Ocupação atual: professor e coordenador dos cursos modulares de Mecânica.

Dados Biográficos da entrevistadora



Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Fotografia: Dugan Robbins, 2021

Marlene Aparecida Guiselini Benedetti nasceu em 15 de abril de 1946, em Limeira, SP. Fez educação básica: o primário (1a. a 4a. série) no Grupo Escolar Cel. Flaminio Ferreira de Camargo e o ginásio (5a. a 8a. séries) no Instituto de Educação Castello Branco; magistério ou curso normal na mesma instituição. Curso superior: Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (atual UNESP); História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (MG); Estudos Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ouro Fino (MG). Trajetória profissional: Professora de 1o. e 2o. graus na rede estadual: início, em 1968, em Araras, no Ginásio Industrial Estadual Alberto Feres e, a partir de 1970, em Limeira, nas atuais escolas estaduais: Castello Branco, Prof. Nestor Martins Lino, Profa. Ruth Ramos Cappi, Prof. Lázaro Duarte do Páteo, Prof. Antonio Perches Lordello. Exerceu, durante um ano o cargo de diretora e, por dois anos, o de coordenadora de projeto de reestruturação do curso noturno, no Perches Lordello. Em 1995, começou a lecionar na Etec Trajano Camargo. Tem realizado pesquisas sobre a história da escola Trajano Camargo, desde 2008. Faz parte do GEPEMHEP- Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional. E desde 2022, é voluntária no Centro de Memória da Etec Trajano Camargo.

Anexos (Documentos sigilosos e não abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Arnod Baccan Filho

Termo de Autorização para uso de Imagem de Arnod Baccan Filho